



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

**AVALIAÇÃO DO PAPEL DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NA
CONSTITUIÇÃO DE RELAÇÕES DE IDENTIDADE SOCIAL E
PERTENCIMENTO TERRITORIAL EM PROCESSOS PARTICIPATIVOS
VOLTADOS PARA A DETERMINAÇÃO DE ENQUADRAMENTO DE
CORPOS D'ÁGUA.**

Elisa Machado Taveira

PatriLab – Laboratório “Patrimônio & Desenvolvimento Territorial”

Universidade Federal do Espírito Santo

elisataveira@gmail.com

Renata Hermann de Almeida

PatriLab – Laboratório “Patrimônio & Desenvolvimento Territorial”

Universidade Federal do Espírito Santo

ahlmeida@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A gestão integrada do território, por meio da investigação da relação entre enquadramento e desenvolvimento regional, enfoca o papel das formas de uso e ocupação do solo na determinação de valores constituintes do sentido de pertencimento social, e associados processos de territorialização. O pressuposto é que as mesmas limitam e ou potencializam atividades humanas, de âmbito social, econômico ou político. Para essa reflexão, parte-se, no âmbito conceitual, da ampliação do entendimento de uso e ocupação do solo, incluindo, como função do território o envolvimento e o despertar do sentido de pertencimento, pressupostos a uma participação em processos de gestão dos recursos hídricos.

Para tanto, no âmbito empírico, adota-se a bacia do Córrego Sossego (Itarana-ES), como objeto conceitual. Essa seleção decorre da existência de ampla investigação científica, elaborada no contexto de pesquisas desenvolvidas pelo GEHR e LabGest,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ambos da Universidade Federal do Espírito Santo, apresentadas na forma de dissertações e teses, e responsável pelo adensamento de dados, qualitativos e quantitativos, de uma área considerada Laboratório Vivo. Nessa perspectiva, Polini (2010), Quarentei (2010) e Lopes (2011) são referências centrais, junto com SEBRAE (2006). A investigação é conduzida por meio da identificação e interpretação de relações de uso e ocupação do solo, buscando determinar o tipo e grau de contribuição das mesmas para relações de identidade e consciência coletiva, por meio da avaliação de sua contribuição em processos de mobilidade–fixação e inclusão–exclusão social e econômica.

Inicialmente, é feita uma apresentação de tendências de abordagem do território, particularizando a compreensão da identidade como um de seus componentes indispensáveis. Num segundo momento, desenvolve-se uma aproximação à base *real* da especulação conceitual proposta, a Bacia do Córrego Sossego, em dois de seus aspectos: caracterização física, social e econômica; e caracterização da relação de pertencimento territorial, a partir dos nexos entre de uso e ocupação do solo e identidade. Conclui-se destacando o papel de condicionantes históricos e socioeconômicos na organização de uma região enquanto comunidade, e correlata potencialidade para uma ação coletiva.

IDENTIDADE, TERRITÓRIO

O delineamento conceitual acerca do território, categoria chave neste escrito, é guiado por Saquet (2010), em uma perspectiva histórica e teórica acerca das *abordagens e concepções do território*, elaboradas a partir da década de 1950/60. Recortada pela articulação de duas referências, Giuseppe Dematteis, da geografia, e Alberto Magnaghi, do urbanismo, não pretende ser um percurso totalizante, mas, antes, recortado pela intenção de destacar o papel da identidade como unidade dinâmica e relacionada a processos de desenvolvimento territorial.

Em Dematteis, a superação da concepção do território como suporte da sociedade, em favor da adoção de uma compreensão a partir de relações sociais, é considerada um salto epistemológico. Nela, o território é *produto social, lugar de vida e de relações*. É a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

realidade geográfica como resultado do processo histórico de humanização do território. Nessa concepção, se o território é organizado pela sociedade, que humaniza a natureza, ganham relevância princípios e valores que conduzem e estruturam essa organização (Economia, Política, Sociedade, Cultura). Na mesma perspectiva, os princípios da interação social e organização territorial conduzem à idéia do território como enraizamento, como ligação/relação social do homem com a natureza, à incorporação da natureza externa ao homem ao debate.

Em Magnaghi, por sua vez, o território é duplamente *resultado e condição de forças e relações produtivas capitalistas que ordenam e usam o território*. Essa concepção é responsável pela renovação da abordagem do território por meio do destaque de sua apropriação política através do uso do espaço. Nela, o território corresponde ao uso e à apropriação material do espaço; e as relações de poder são um componente indispensável na efetivação de um território entendido como *lugar e meio de produção, usado, organizado e gerido por sujeitos sociais, políticos e/ou econômicos* (SAQUET, 2010, p. 71). Mas, também Magnaghi salienta o papel da sociedade na construção do território por meio de uma relação contínua, mas diversificada, na duração histórica, com o ambiente. Destaca, assim, a condição processual da identidade.

Nessa perspectiva, Saquet salienta o caráter contemporâneo de abordagens preocupadas em discutir a os nexos entre identidade, território e desenvolvimento local. Numa perspectiva distinta, mas complementar e mesmo avançada, propõe o reconhecimento ou não, da natureza exterior ao homem como parte do que considera fundamental: *não separar a (i) materialidade da vida, que se revela ao nosso olhar e compreensão, através da relação economia-política-cultura-natureza* (2010, p. 21) Isso porque, defende ser impossível compreender o território sem sujeitos sociais.

O reconhecimento de componentes (i) materiais na constituição do território marca a renovação da geografia, e acompanha transformações socioespaciais como degradação ambiental e expansão urbana. Essas transformações se dão num contexto de passagem de abordagens descritivas e quantitativas, e centradas na superação da dicotomia entre natureza e sociedade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A BACIA DO SOSSEGO: NATUREZA, SOCIEDADE, ECONOMIA.

A bacia do Córrego Sossego está inserida na bacia do Rio Santa Joana, sub-bacia que aflui no Rio Doce. Ela fica localizada no município de Itarana, estado do Espírito Santo, distante 130 Km da capital Vitória (LOPES, 2011), e dotada de uma área total de 6.039,68 ha, sendo quase 30% da área da bacia coberta com vegetação nativa (QUARENTEI, 2010).

O rio principal da bacia, o Sossego, apresenta nas suas porções altas um vale bem encaixado e inclinado, o mesmo acontecendo com o córrego do Bananal, seu principal afluente. Além desses dois canais, distribuem-se nessa área mais cinco canais principais: Santa Helena, Penedo, Boa Vista, Barra do Sossego e Matutina.

Em termos de zonas naturais, conforme o INCAPER, o município de Itarana é caracterizado pela ocorrência de terras de temperaturas amenas, acidentadas e chuvosas (44,30%), terras quentes, acidentadas e secas (33,90%) e terras frias, acidentadas e chuvosas (21,80%). Na bacia do córrego do Sossego ocorrem estas três zonas naturais, fortemente determinadas pela altimetria. Além disso, para o Espírito Santo em geral, e para o Sossego em particular, há uma regra da ocupação das terras quentes e frias, sendo as primeiras de ocupação das famílias migrantes no processo de colonização italiana, com café, e as segundas geralmente de ocupação germânica (QUARENTEI, 2010) (Figura 01).

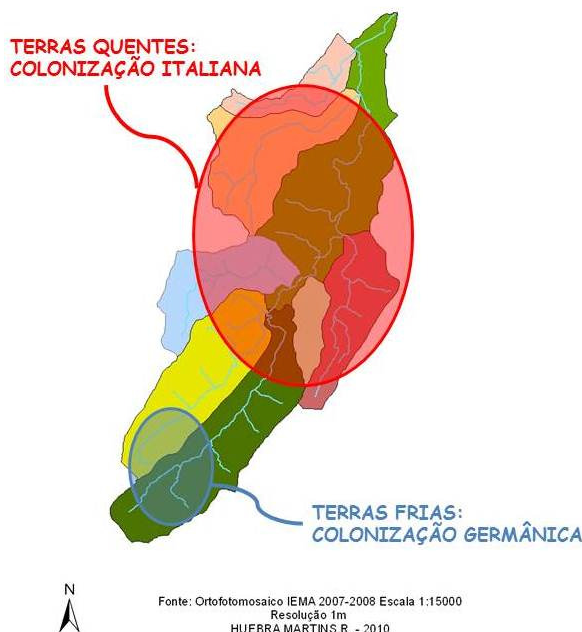


Figura 01: Colonização por Zonas Naturais

Fonte: Organização das autoras

Essa condição histórica se reflete em um reconhecimento peculiar do território por parte dos moradores. Segundo Quarentei (2010), se para pesquisadores a bacia do Sossego é dividida em oito sub-bacias, segundo a carta topográfica do IBGE (Figura 02), entre os moradores a subdivisão em porções equivalentes ao que se chama sub-bacias se dá a partir de outros referenciais que não os da paisagem ou das características naturais. Esses são, sim, os do parentesco (a família) ou das territorialidades de origem (o país) (Figura 03).

Dessa maneira, enquanto na carta do IBGE relativa à área trabalhada constam como toponímias referenciais, Alto Bananal, Córrego do Sossego, e Baixo Sossego, por exemplo, os moradores identificam e estabelecem limites espaciais a partir das famílias proprietárias: Meneguel, Loriato, Rizzi, Marquez, entre outros.

“Os produtores do Sossego sempre se faziam referências aos ‘Covre’, aos ‘Meneguel’, aos ‘Marquez’, aos ‘Rizzi’ etc. Quando eram apresentados à carta topográfica os moradores diziam: ‘Ah é! O certo é isso que está escrito aí, mas a gente acaba usando esses (nomes) mesmo que já estamos acostumados com eles [...]’ (QUARENTEI, 2010, p. 41).

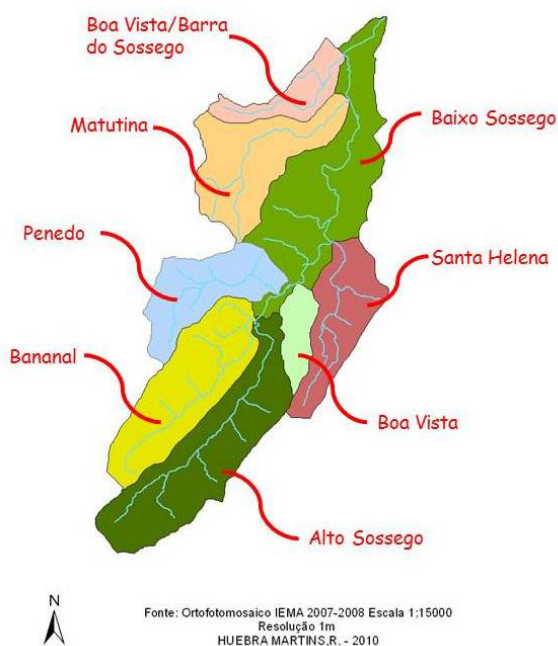


Figura 02: Divisão da sub-bacia segundo a carta topográfica do IBGE.

Fonte: Organização das autoras.

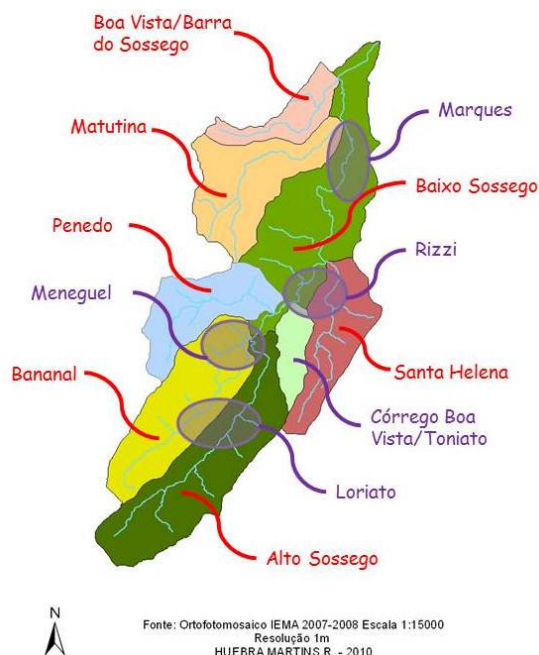


Figura 03: Divisão da sub-bacia segundo moradores

Fonte: Organização das autoras.

Numa outra associação entre território e sociedade, moradores, ao identificarem áreas da bacia, o fazem não só por associação às famílias proprietárias, mas também à origem das mesmas. Assim, sempre se diz “os alemães lá de cima”, fazendo uma referência às famílias de origem germânica que se instalaram na bacia muitas décadas depois da sua ocupação por italianos (QUARENTEI, 2010). Fixam, assim, uma tripla referência: social, espacial e temporal.

Em termos econômicos, a bacia do Sossego apresenta-se historicamente como área de produção agrícola, constituindo fonte de produção alimentar responsável pelo abastecimento de regiões de entorno e da região metropolitana da Grande Vitória. Internamente, num contexto exemplar da agricultura capixaba, que é amplamente pautada na agricultura familiar¹, e promovendo a fixação de aproximadamente 200 famílias no campo (SEBRAE, 2006). Nela, a maioria das propriedades, oitenta e cinco

¹ Segundo o INCAPER (2009), o estado do Espírito Santo possui 77 mil propriedades familiares, o que corresponde a 77% do total de produtores, ocupa 220 mil pessoas, abrange 40% da área rural, e gera 56% do Valor da Produção Agropecuária Capixaba. A agricultura familiar no Espírito Santo responde por 66% da produção de cereais e olerícolas; 60 % do café; 57% da produção de frutas; e a 42% da produção de leite (LOPES, 2011).

por cento (85%), possuem área na faixa entre 10 a 50 ha, onde predomina o segmento de pequenos proprietários de base familiar (LOPES, 2011), distribuídos ao longo do curso dos córregos Sossego e Bananal. A figura 04, abaixo, revela uma ocupação concentrada, em linha contínua, resultante do parcelamento da terra em lotes ordenados às margens esquerda e direita do curso das águas, “de modo que todos tivessem aguados” (POSENATO, 1997, p. 167). Nesse modelo,

“[...] o critério básico foi estabelecer, como testada dos lotes, os cursos d’ água, junto aos quais as terras mostravam-se mais acessíveis, planas, férteis e favoráveis ao cultivo. Os fundos [dos] lotes voltavam-se às montanhas com escarpas e afloramentos de rocha viva.” (1997, p. 166)

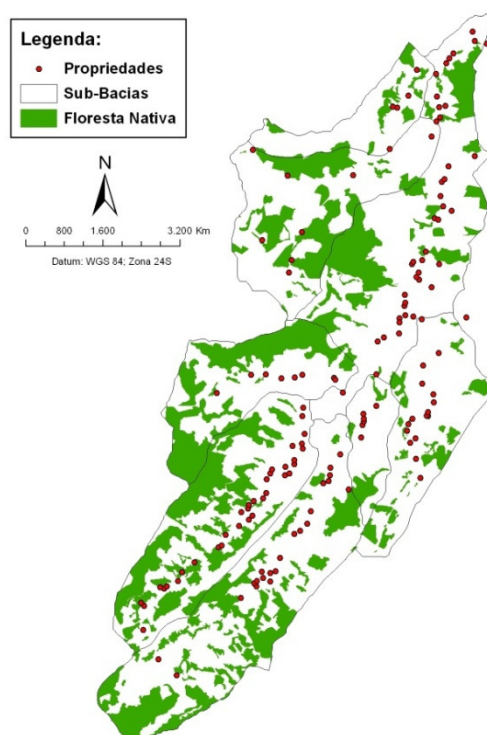


Figura 04: Distribuição das propriedades e floresta nativa.
Fonte: Organização das autoras

Neste contexto econômico, no Sossego, o produtor rural é o principal responsável pelo sustento de uma família constituída, em média, por 04 pessoas, sendo que praticamente 03 pessoas da família contribuem para esta renda. Em geral, essas pessoas são a esposa e os filhos que, em sua maioria, trabalham na propriedade. Em alguns casos, contudo,

meeiros e pessoas contratadas se fazem presentes na estrutura da produção na Bacia do Sossego (SEBRAE, 2006).

Apesar de se observar quase 30% da área da bacia coberta com vegetação nativa, sua maior parte é ocupada por plantios agrícolas (café, olericultura, fruticultura, etc.) e pastagens, muitas vezes conduzidos de forma a expor o solo às intempéries e ocasionando erosão. No que se refere à produção agrícola, as culturas do café, da banana e do “inhame” (taro) são consideradas as de maior representatividade econômica para a bacia, e as que apresentam maior frequência de ocorrência nas propriedades (LOPES, 2011). Já a ocupação urbana apresenta-se de maneira pontual e de baixa densidade, numa clara expressão do caráter rural “do Sossego” (Figura 05).

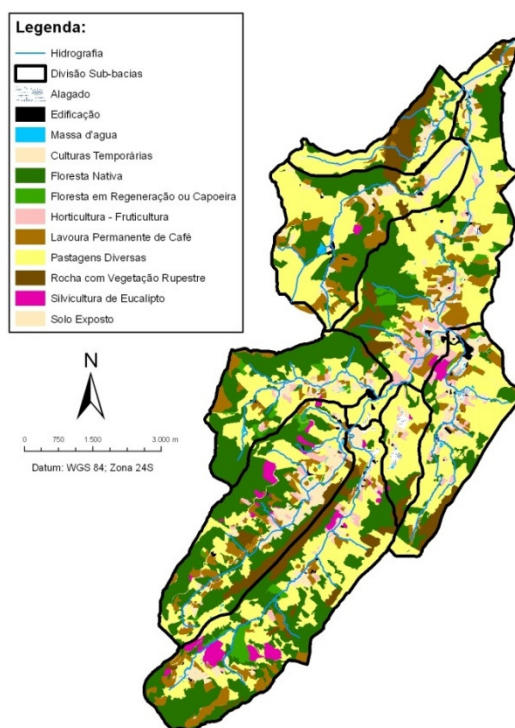


Figura 05: Uso e ocupação do solo com divisão das sub-bacias.
Fonte: Organização das autoras.

Observa-se frequentemente na bacia que quanto mais acidentada e rochosa determinada área, mais se observa cobertura vegetal nativa, pelas limitações de acesso e produção inerentes a áreas com tais características. Assim, a cobertura florestal nativa apresenta-se, em maior concentração, nas cabeceiras de drenagem dos córregos que compõem a

região, e nas regiões de relevo íngreme. Em correspondência, os cultivos existentes na bacia do Sossego apresentam-se distribuídos, predominantemente, nas cabeceiras de drenagens e nas partes mais íngremes, cafezais, bananeiras, eucaliptos e pasto em conjunto com a área florestada remanescente na bacia. Diversamente, no fundo do vale da bacia há a presença das olericulturas, e algumas outras culturas que se desenvolvem bem em áreas de inundação (SEBRAE, 2006) (Figuras 06 e 07). Essa é uma configuração histórica resultante do sistema de colonização: “o estabelecimento rural com a água em primeiro plano e a montanha ao fundo” (POSENATO, 1997, p. 166).

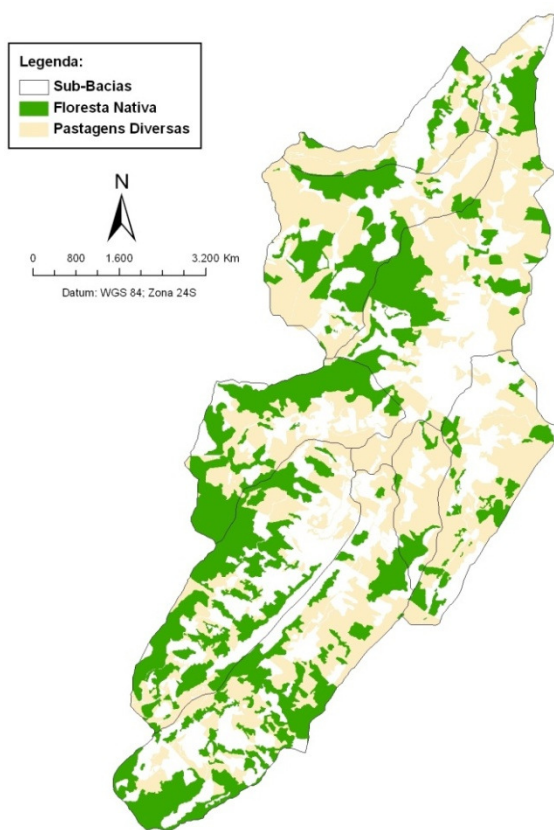


Figura 06: Distribuição de floresta nativa e pastagens.

Fonte: Organização das autoras.

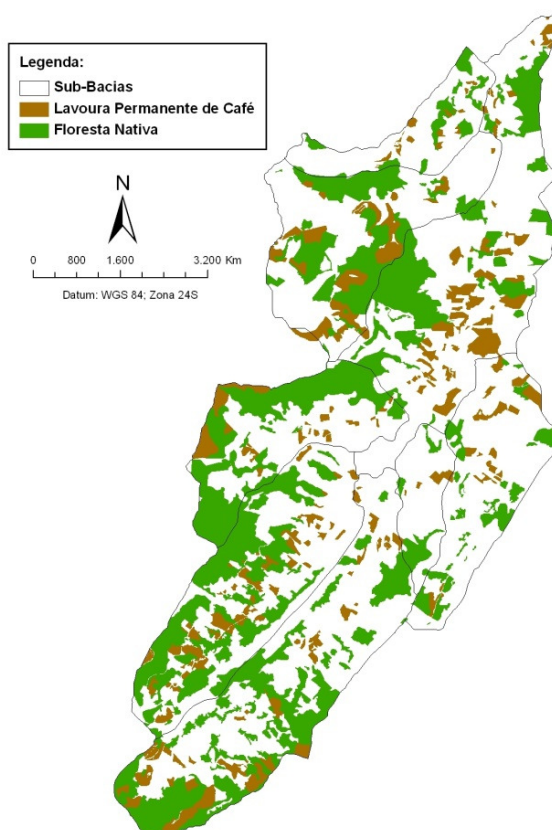


Figura 07: Distribuição de floresta nativa e lavoura permanente de café.

Fonte: Organização das autoras.

A cafeicultura, atividade agrícola predominante na bacia do Sossego, ocupa uma área total de aproximadamente 743,4 hectares (dado de 2006), mas em franca expansão. Essa área inclui, além das duas cultivares, consórcios de café com outras culturas (café/mamão, café/banana e café/limão). Por sua vez, a pecuária bovina (de corte e de leite) atende basicamente ao consumo próprio, e, quando há excedente, é realizada uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pequena produção de queijo caseiro ou de gado para abate. A criação de frangos, suínos e outros também é observada na bacia, mas em ocorrência menos significativa (LOPES, 2011).

Quanto à comercialização da produção, à exceção do café, a maioria dos produtos é vendida diretamente a intermediários (“atravessadores”) que por fim é destinada ao abastecimento de mercados e feiras, bem como da própria Central de Abastecimento do Espírito Santo – CEASA/ES, em Cariacica-ES (LOPES, 2011).

No que diz respeito à condição de propriedade, em pesquisa de campo SEBRAE (2006) verificou que muitas propriedades se encontram em processo de divisão, algumas por meio de inventariado, outras na informalidade. Nessa situação, a propriedade permanece em nome do proprietário que, em função da idade avançada já não trabalha mais na terra, e por isso a reparte informalmente entre seus filhos, mas sem conhecimento real da área em que trabalha cada filho. Cada um cultiva, em uma parcela da propriedade, uma produção individual, num processo de baixo conteúdo tecnológico. Assim, se de um lado a família cresce, de outro a formação de uma cultura associativa e de cooperação, dentro da unidade familiar, se enfraquece. O resultado é a dificuldade da viabilização de uma empresa familiar adaptada ao mercado.

Da mesma maneira, a inexistência de articulação entre os produtores rurais pode ser percebida pela falta de ação cooperada entre os mesmos. Em pesquisa realizada pelo SEBRAE (2006), a maioria dos entrevistados afirmou não ter realizado nenhuma parceria com outras propriedades, dos que realizaram tal prática, as compras realizadas em conjunto foram as mais citadas, e os parceiros, em sua maioria eram parentes próximos².

² A cultura do associativismo e da cooperação é incipiente entre os proprietários do Sossego, condição que se reflete em uma fraca participação ativa em alguma organização/entidade (SEBRAE, 2006). Quanto à organização social, a principal entidade na bacia é a Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Sossego (APEPRUS). Resultados de estudo realizado por Lopes (2011) indicam que apenas 18,75% dos produtores participam de algum tipo de cooperativa e 12,5% participam de algum tipo de associação.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Essa condição se apresenta durante a realização de oficinas participativas com aplicação do River Basin Game (RBG), em uma das etapas de trabalhos desenvolvidos pelo LabGest na região. O número total de moradores/produtores nas oficinas foi de 144. O nível de participação nas oficinas foi de aproximadamente 50% das propriedades da bacia, variando de 20 a 71,4% entre as 12 comunidades da bacia. A aplicação do jogo, de forma geral, promoveu um ambiente de bastante integração entre os produtores, e apontou que alguns deles ainda não se conheciam pessoalmente, nem tinham tido a oportunidade de conversar sobre os problemas locais. Observou-se que muitos produtores não conheciam toda a bacia, nem sabiam onde se localizam as nascentes dos córregos (LOPES, 2011).

Essa condição, de restrita identidade coletiva, possui raízes históricas, inscritas no modelo de parcelamento e uso da terra, instaurado no momento de assentamento dos imigrantes em solo capixaba, promovido pelo projeto de colonização no Espírito Santo: a pequena propriedade, unifamiliar e auto-suficiente.

USO E OCUPAÇÃO DO SOLO, PERTENCIMENTO TERRITORIAL E IDENTIDADE SOCIAL.

Na compreensão do papel das formas de uso e ocupação do solo em processos de participação, no contexto de produção capitalista do território, o predomínio do caráter rural da bacia do Córrego Sossego se particulariza pela diferenciação de duas atividades: a agricultura e a pecuária. Em ambas, o território é capital constante, enquanto matéria prima. Entretanto, considerando a estrutura fundiária (pequena propriedade familiar), as relações de trabalho (proprietário, meeiro, arrendador), e o processo de produção (cultivo da terra e pastagem), compreende-se acontecer no uso e na apropriação do território envolvidos no cultivo da terra, um particular aprofundamento na relação homem – natureza/entorno (Figura 08).

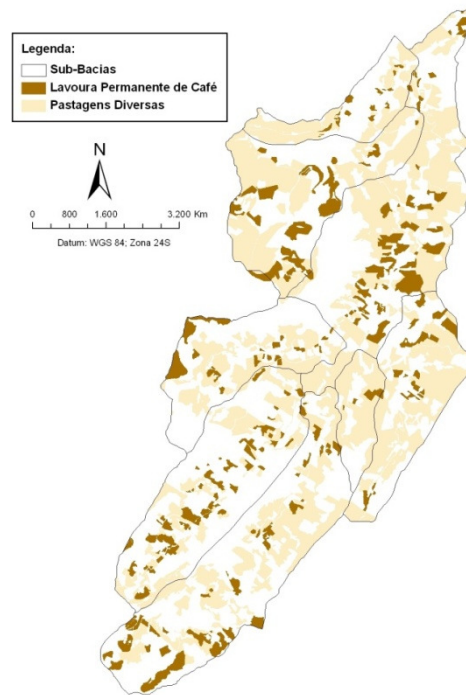


Figura 08: Distribuição da lavoura permanente de café e pastagens.
Fonte: Organização das autoras.

Essa condição, como anteriormente indicado, é o resultado do contínuo retalhamento da terra entre familiares que, senão integrados nas práticas produtivas, mantêm-se conectados pelo uso de técnicas de tratar o solo e ocupar o território. A exploração da terra de maneira intensiva e extensiva, na forma da pequena unidade produtiva, baseada no trabalho familiar, se de um lado manteve a unidade de gerações de famílias, permitindo a transmissão de saberes; de outro conduziu ao isolamento auto-suficiente de grupos familiares dedicados a produção agrícola e à pecuária.

É possível encontrar a origem dessa tradição nos primeiros tempos da ocupação e posse do território pelos imigrantes, italianos e alemães, em particular, no Sossego, quando a ação em comunidade praticamente se restringia à ajuda gratuita em colheitas, por meio de mutirão, quando, por motivo de doença, havia atraso na colheita (POSENATO, 1997, p. 174) Em momento de fixação, o trabalho exigido para a sobrevivência da família estruturou um modo de uso e apropriação do solo pautado na exploração econômica dos recursos naturais – água e floresta. Na figura 09 essa condição se apresenta por meio da associação entre diversidade de uso do solo e concentração de propriedade.

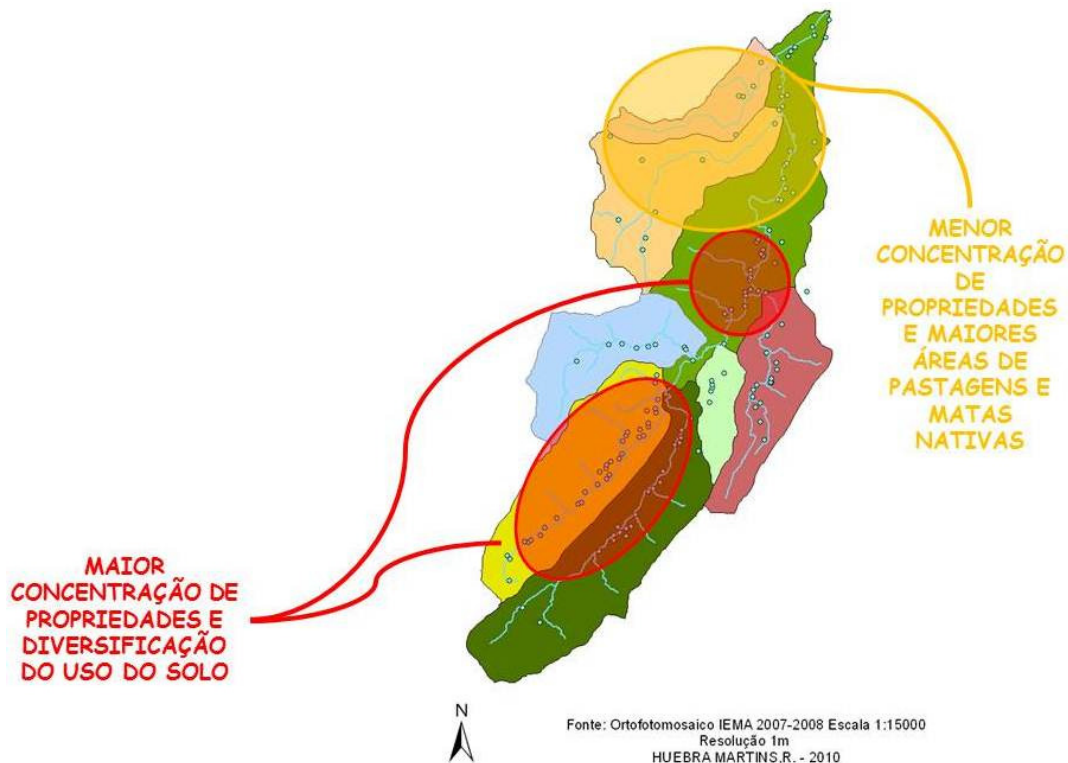


Figura 09: Distribuição das propriedades por sub-bacias.

Fonte: Organização das autoras.

Quarentei (2010) parece confirmar essa compreensão quando afirma que, enquanto para pesquisadores o uso do solo diz respeito a um conjunto de atividades e assentamentos sobre a área observada, para a população local significa a reprodução de práticas familiares. O uso se apresenta, portanto, dotado de simbologias responsáveis pela continuidade de práticas reproduzidas por gerações. Arraigadas e transmitidas, essas práticas podem ser compreendidas como patrimônio imaterial que, continuamente reconstituindo a identidade, a memória, pode subsidiar e potencializar processos de desenvolvimento local.

Conclui-se afirmando a importância do reconhecimento da proximidade física, funcional e cultural em processos de desenvolvimento a partir da perspectiva territorial. Um território entendido não como suporte de localização de atividades econômicas, mas como âmbito espacial ativo dotado de poder de favorecer uma participação social mais autônoma e protagonista.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Na bacia do Córrego do Sossego, no entanto, no que se refere à apropriação e uso do território, permanência e transformação parecem co-existir, repercutindo sobre o tipo e o nível de envolvimento / integração comunitária. A família, em contínuo processo de fragmentação, diretamente rebatido na estrutura fundiária e na configuração territorial, afirma-se por um dominante papel na estrutura social. Dedicada a uma agricultura concentrada na produção do café conduzida por práticas tradicionais de baixo conteúdo tecnológico, a família parece manter-se fiel a práticas memoriais, caracterizadas por um consumo intensivo e extensivo da “natureza”.

No entanto, ao mesmo tempo, uma interpretação comparada entre as figuras 06 e 07 sugere a existência de uma maior simbiose entre homem e natureza no contexto da cultura do café. Ainda que esse não seja um produto de uma consciência conservacionista, sua valorização pode ser estratégica em processos participativos relacionados ao enquadramento de corpos d'água, por exemplo.

BIBLIOGRAFIA

GRUPO DE ESTUDOS E AÇÕES EM RECURSOS HÍDRICOS – GEARH. Departamento de Engenharia Ambiental/Centro Tecnológico/Universidade Federal do Espírito Santo (DEA/CT/UFES). **Desenvolvimento de Instrumento para a Gestão de Recursos Hídricos do Norte do Espírito Santo - GEARH-NES**. Edital CT-HIDRO/FINEP 01/2001. Relatório Final. v. 1. 2003.

LOPES, Marcos Eugênio Pires De Azevedo. **Avaliação de usos racionais da água na agricultura: desenvolvimento de modelos conceituais e de procedimento metodológico em apoio à co/auto-gestão de microbacias**. Tese de Doutorado em Engenharia Ambiental. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2011.

POLONI, D. M. **Desenvolvimento e aplicação de procedimento metodológico em suporte ao planejamento participativo para redução de perda de solos em pequenas bacias hidrográficas com emprego da EUPS**. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória-ES, 2010.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultural, 1997.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

QUARENTEI, Laura Mariano. **O uso de escalas de análise para compreensão de dinâmicas sócio-espaciais na bacia hidrográfica do córrego do Sossego – Itarana-es.** Dissertação em Geografia. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2010.

SAQUET, Marco Aurelio. **Abordagens e concepções do território.** 2ª Ed., São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENA E EMPRESA – SEBRAE. “**Projeto GEOR:** desenvolvimento regional sustentável e gestão das águas na bacia do córrego do Sossego, bacia do rio Doce, Itarana-ES”. Relatório T0. Vitória-ES, 2006.